

FEIRA NORDESTINA DE SÃO CRISTÓVÃO: O ENSINO DO CONFORTO AMBIENTAL APLICADO À REALIDADE POPULAR BRASILEIRA*

Prof. Luciana da Silva Andrade
Doutoranda em Geografia PPGG/UFRJ
Professora Assistente FAU/UFRJ
Prof. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Doutoranda COPPE/UFRJ
Professora Assistente FAU/UFRJ

...Não serve para diminuir o pânico de ninguém, mas devo dizer que isto é o povo! É assustador? Deve ser mais ainda a vida deles no inverno, longe das praias. (...). Ir à praia com esta galera é dar um mergulho na realidade! Tutty Vasques - Revista Domingo 27/10/96

ABSTRACT:

The work brings some considerations about the application of concepts of environmental comfort in project disciplines in architecture abilities. The subject basic proposal says respect to the adaptation of these concepts to the real city, that in the brazilian case is related to the great distance of social and cultural aspects that doesn't allow the access of most of the population to the products of the architectural knowledge.

Introdução

A epígrafe escolhida para iniciar este trabalho nos remete a um conflito entre o mundo ideal, desejado por grande parte das elites brasileiras, e o mundo real, que apresenta como uma de suas características nossas condições econômicas e socioculturais.

O conflito gerado nas praias da Zona Sul carioca no verão, quando elas passam a receber freqüentadores dos subúrbios e de outras periferias (*Jornal do Brasil*, 1996),

* Colaboraram Thaís Faria Moura e Luiz Felipe Gutierrez Estudantes da FAU/UFRJ

fez emergir uma questão que permeia o ensino da arquitetura, particularmente na FAU/UFRJ. Esta questão é relativa à dificuldade do corpo docente em preparar o aluno para o enfrentamento da realidade brasileira, o que significa capacitá-lo para lidar e contribuir, de fato, para a melhoria das precárias condições de vida de grande parte da população.

O não conhecimento e a não compreensão desta realidade têm levado os arquitetos a proporem soluções para o conforto ambiental que tendem a fracassar por se restringirem a aspectos técnicos e formais.

A rigor, este trabalho parte da convicção de que o aluno de arquitetura deve ser incentivado a compreender o conforto ambiental inserido em um contexto amplo que não despreza a complexidade das questões que envolvem o processo projetual, sejam elas de ordem técnica, econômica ou sociocultural. Soluções para questões de conforto podem ser tecnicamente adequadas; podem, no entanto, resultar em fracasso, caso valores culturais não sejam considerados.

Num exemplo simples, *lights shelves* (prateleiras que contribuem para melhorar as condições da iluminação natural num compartimento) podem ser utilizadas para apoiar vasos de plantas, o que compromete sua função original¹.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é discutir o ensino do conforto ambiental à luz da realidade popular brasileira, tomando como exemplo a Feira Nordestina do Campo de São Cristóvão, na Cidade do Rio de Janeiro. Procuramos refletir acerca do conforto neste espaço de intensa expressão popular, tendo como meta seu equacionamento pela realização de projeto arquitetônico que não se sobreponha aos valores culturais característicos da Feira.

De fato, a questão do conforto ambiental em espaços públicos, especialmente aqueles que envolvem manifestações populares, como no caso da Feira Nordestina de São Cristóvão, se revela bastante complexa, uma vez que seu tratamento pode comprometer a espontaneidade do espaço, ou se tornar inócuo, sendo desconsiderado pelos frequentadores e comerciantes.

Assim, visando atingir o objetivo do ensaio, conceituamos brevemente nossa concepção de ensino, de processo de projeto em arquitetura e de conforto ambiental. Em seguida, descrevemos a Feira Nordestina de São Cristóvão e a proposta de trabalho desenvolvida para um exercício da cadeira de Composição de Arquitetura I. Finalmente, apresentamos a orientação de procedimentos sugerida aos alunos e suas observações de campo. Concluimos o trabalho enfatizando as vantagens e dificuldades encontradas na nossa proposta de trabalho.

1. Exemplo destacado pela aluna Laura Monteiro, da FAU/UFRJ, após palestra de Cátia Siciliano (Mestre em Arquitetura pela FAU/UFRJ, área de concentração em Conforto Ambiental) sobre *lights shelves*, proferida na disciplina de Planejamento de Arquitetura II, no segundo semestre de 1995.

Cabe ressaltar as limitações de uma abordagem desta ordem. Este trabalho descreve uma proposta que é fruto de uma ação intuitiva baseada em nossa vivência enquanto professores e pesquisadores. Nele procuramos expor inquietações que só serão respondidas com pesquisas aprofundadas que permitam melhor conhecimento do tema que delimitamos.

No entanto, a nosso ver, o mérito deste ensaio reside na proposta de colocação dos alunos em contato com a realidade multifacetada da Feira de São Cristóvão e nas questões que foram por eles suscitadas.

Ensino, Projeto de Arquitetura e Conforto Ambiental

Antes de descrever a proposta que desenvolvemos para a realização de um exercício de projeto para os alunos de Composição de Arquitetura I, disciplina obrigatória oferecida aos alunos do terceiro período do curso de arquitetura da FAU/UFRJ, consideramos necessário explicitar, ainda que sumariamente, os conceitos daquilo que consideramos ser ensino, projeto de arquitetura e conforto ambiental.

Vemos o aluno como agente da construção do conhecimento; ao professor, particularmente no caso do professor universitário, cabe, no nosso entender, estimular a curiosidade do aluno, colocando-o em situações que o levem à reflexão e à criação de soluções para os problemas que encontram. A sala de aula funciona como palco onde o professor apresenta o conteúdo da disciplina para ser discutida dialeticamente com os alunos a partir de suas vivências ².

Neste contexto, o ensino do projeto de arquitetura pressupõe, além do conteúdo teórico, a observação de soluções dadas a problemas semelhantes, bem como a vivência no espaço onde se pretende intervir e a análise dos processos sociais que nele se desencadeiam.

Esta abordagem do ensino de projeto delimita uma concepção do processo projetual em arquitetura e urbanismo que encontra em Lynch (1981) um dos melhores formuladores. Kevin Lynch entende que o projeto de arquitetura deve traduzir as necessidades materiais e simbólicas daqueles que vivem os espaços. Por isso, os requisitos para um projeto que contribua para melhorar as condições de vida do habitante conciliam aspectos universais e locais das sociedades.

Por exemplo, a questão da vitalidade dos espaços, um dos critérios normativos propostos por Lynch (1981), tem caráter universal, pois é aconselhável que todos os espaços apresentem boas condições para preservação da saúde física e mental de seus usuários. No entanto, é provável que a forma como se solucionam os problemas

2. Sobre ensino ver, entre outros, Freire (1993) e Brandão (1981).

que comprometem a vitalidade de um dado espaço seja mais eficaz quando são consideradas características locais.

Finalmente, dentro da mesma lógica, procurando adotar um conceito de conforto ambiental que seja sensível aos valores culturais da sociedade, escolhemos a concepção de Rybczynski (1996) que considera como critério a forma como o habitante (morador, usuário, freqüentador, ou outros) percebe o conforto, além de integrar conforto térmico, acústico, lumínico, ergonômico etc.

Desse modo, tendo em vista a conceituação que embasou nossa proposta de exercício, a escolha da Feira de São Cristóvão para a realização de exercício de projeto se mostrou bastante adequada, uma vez que esta se caracteriza por ser um espaço informal de forte tradição cultural.

A Feira Nordestina de São Cristóvão

A percepção da importância da sensibilização dos alunos para a questão do conforto ambiental nos espaços públicos de manifestação cultural espontânea surgiu numa visita de lazer à Feira de São Cristóvão, numa noite de sábado, realizada por uma das autoras.

Foram feitas mais duas visitas à Feira; estas com a participação dos alunos³. Nestas visitas procuramos *sentir* a feira, para melhor percebê-la, além de levantar dados e fazer observações.

A Feira Nordestina de São Cristóvão funciona aos sábados, à noite, e aos domingos, durante o dia. Nos sábados à noite a Feira consiste numa festa onde se revivem diversas tradições do Nordeste, como também são criadas novas expressões a partir do confronto entre as *novidades* da cidade grande e aquelas tradições⁴. O mais autêntico *forró* convive com a música sertaneja massificada pelas gravadoras e o *rock* nacional parece agradar tanto quanto o pagode. Até músicas internacionais têm lugar nos amplificadores das barracas de disco, nos bares ou nos conjuntos de música ao vivo. São comercializados tanto produtos nordestinos - redes de dormir, cereais, carnes, doces, queijos -, quanto brinquedos importados, discos, CD's, fitas cassetes⁵.

3. Os alunos que visitaram a Feira foram: Eriko Vinicius Lima, Karin Hansen da Costa, Leonardo Carneiro da Cunha, Luis Felipe Gutierrez, Mariana Shuery Moreira, Patricia Coelho da Paixão Thais Faria de Moura e Viviani Khodari.

4. Duarte (1993) mostra, usando como objeto de estudo a habitação, novas expressões culturais que surgem a partir do conflito entre a cultura nordestina e a idéia de cidade grande construída no imaginário do migrante.

5. Outros produtos comercializados na Feira, destacados pelos alunos: rosas, fotografias (polaroide), chapéus, carrancas, jornais, cigarros, flâmulas, balas, amendoim, maçã do amor, cigarros, relógios, artesanato em barro, bijuterias, bebidas destiladas, roupas, água de côco, legumes, cereais, bonés, mochilas, mocotó, aipim, galinha, buchada, carne de sol, queijos, carne de porco, sarapatel, feijão de corda, rapadura, cocada, churrasquinho, pipoca de micro-ondas, cerveja, refrigerantes, cachaça etc. Joga-se também bingo e dados.

Sem poder contar com dados precisos, podemos afirmar, a partir de nossa observação, que os freqüentadores da feira são, em sua maioria, nordestinos ou seus descendentes, oriundos das classes sociais de menor poder aquisitivo, embora se verifique uma quantidade expressiva de freqüentadores das camadas médias da população. A Feira também seduz turistas, artistas e intelectuais, além de curiosos que não se enquadram no perfil típico dos freqüentadores.

Segundo o Sr. Agamenon de Almeida, Presidente da COOPCAMPO⁶, a Feira (fundada em 1945) tem 767 barracas cadastradas e recebe 60.000 pessoas por final de semana. Nestes dias da semana a movimentação comercial é grande, implicando a venda de 800 caixas de cerveja e na geração de 9.000 empregos diretos e indiretos (Moura & Gutierrez, 1996).

Ainda segundo o Sr. Agamenon, a segurança da Feira é feita por policiais federais que são contratados como seguranças pelos feirantes, pois não existe nenhum apoio oficial. Pelo contrário, apesar de a Feira ter sido tombada como Patrimônio Cultural, a principal queixa dos feirantes é que as ações públicas são voltadas para o seu esfacelamento. A padronização das barracas proposta pela prefeitura, bem como o controle acústico, implicarão, segundo a COOPCAMPO, o seu esvaziamento, pois tanto o número de mesas por barraca como a falta de som amplificado não foram determinados considerando-se o seu papel na reprodução dos valores culturais do local e, portanto, dos consumidores.

Na verdade, a convivência de diversas atividades comerciais e de lazer associada ao modo singular como seus freqüentadores se mostram pelo vestuário, penteados, maquiagem, danças etc. confere à Feira um caráter de autenticidade popular pouco encontrado em outros espaços coletivos.

No entanto, a sedução suscitada pela estética visceral⁷ dos espaços da Feira, marcada por sua singularidade cultural, não oblitera os problemas apresentados devido à sua produção informal, ou seja, sem conhecimento técnico.

O reconhecimento dos problemas técnicos que refletem diretamente no conforto ambiental da Feira demandou reflexões sobre suas possíveis soluções que, a nosso ver, não se podem dar sem considerar o que se mostrou mais instigante para nós naquele espaço: sua vivacidade.

O Caráter Acadêmico da Questão

O nosso envolvimento com a vida acadêmica, seja devido ao ensino, seja devido às atividades de pesquisa e extensão, nos fez levar as questões verificadas na

6. COOPCAMPO - Cooperativa dos Feirantes, Ambulantes e Artistas Populares da Feira Nordestina do Campo de São Cristóvão.
7. A quantidade de carnes expostas na feira nos convenceu da propriedade da expressão estética visceral.

Feira Nordestina de São Cristóvão para o âmbito da discussão do programa da disciplina de Composição de Arquitetura I.

Mais do que as soluções que poderiam ser apresentadas pelos alunos, dada a consciência das limitações de um exercício de projeto em prazo bastante restrito e em fase inicial de curso, consideramos de extrema relevância colocá-los diante de uma realidade pouco explorada nas faculdades de arquitetura, particularmente na FAU/UFRJ.

Entendemos que o contato com uma realidade culturalmente rica, mas também problemática no que diz respeito às soluções físico-espaciais, seria muito mais eficaz na motivação dos alunos pela busca de soluções dos problemas que a proposição de temas que se limitassem a desafios técnicos e estéticos eruditos.

Apresentamos como proposta de exercício a realização de um projeto de *barraca* para a Feira que solucionasse estética e construtivamente os problemas verificados⁸. Esta proposta não recebeu a adesão dos outros professores da disciplina, embora não tenha existido a imposição de realização do mesmo exercício para todas as turmas. A rigor, o tema precisaria apenas respeitar alguns critérios que delimitavam sua complexidade.

Desse modo, buscando estabelecer uma relação democrática com os alunos, apresentamos o tema de projeto a título de opção, destacando suas vantagens e dificuldades. Este exercício tinha também como agravante o fato de a visita a campo ter necessariamente que se dar num sábado à noite.

Feita a opção pelo trabalho para a Feira, partimos para definição da abordagem dos problemas relativos ao projeto, destacando o conforto ambiental, conforme está exposto a seguir.

Conhecimento do Problema

Como o exercício consiste na criação de *quiosques* para a Feira de São Cristóvão, visando superar os problemas que foram verificados, solicitamos aos alunos que identificassem as tipologias de barracas, os problemas que ressaltamos e, principalmente, outros que lhes chamassem a atenção.

No que diz respeito ao conforto ambiental, a aproximação com o objeto de estudo foi-se dando de forma gradual. Num primeiro momento, deparamo-nos com um espaço intensamente vivenciado, que manteve nossos sentidos aguçados frente à mistura de sons, cores e cheiros variados.

114 Numa tentativa de compreender o conforto neste espaço e construir sua *imagem* a partir da realidade existente, seguimos para uma observação mais atenta,

8. Mais adiante estes problemas estão relacionados.

atuando não só como espectadores, mas também como personagens de uma possível intervenção.

Assim, procuramos analisar e diagnosticar os condicionantes e as potencialidades da área, através de levantamento de dados e da própria percepção ambiental.

Neste momento, a orientação dada aos alunos para a leitura do ambiente foi elaborada a partir da constatação de como os aspectos de conforto ambiental são tratados na concepção projetual. Quase sempre aqueles encontram-se à margem do processo, em decorrência da desarticulação existente entre as áreas de conhecimento; ou seja, as disciplinas de projeto de arquitetura encontram-se em dissonância com aquelas que envolvem o conforto ambiental. Estas normalmente se mantêm num âmbito extremamente técnico e dissociado do projeto arquitetônico, com pouca aplicação na prática projetual.

Os alunos foram orientados a observar tanto os elementos internos quanto externos que comprometessem a qualidade ambiental na Feira, conforme descrito a seguir:

- Condições de exposição aos elementos ambientais, como exposição solar, iluminação, ventos (ventilação e circulação do ar).
- Elementos naturais e construídos do espaço público, como vegetação, pavimentação (rugosidade do terreno), água, barreiras ao vento, concentração de gases contaminantes, implantação dos elementos edificados, condições de sombreamento, coberturas, estética das cores e visualização dos espaços circundantes.
- Elementos externos aos limites da Feira que interferem nas condições ambientais, como o alinhamento dos edifícios circundantes ou massas de vegetação, que podem bloquear ventos e interferir na radiação solar.

A partir dessa orientação detectamos ser fundamental para o grau de envolvimento e motivação do aluno, o acompanhamento do professor na visita a campo. Das visitas realizadas resultou relatório expondo os condicionantes e possibilidades da área, considerando a concepção de espaço público "(...) como uma forma de desenho lógica que reconhece a persistência do existente, culturalmente adequada ao lugar e aos materiais locais e que utiliza a própria concepção arquitetural como mediadora entre o homem e o meio". (Romero, 1995).

Assim, foram detectados os principais problemas da Feira, que incidem diretamente sobre o conforto do ambiente.

O problema acústico já tinha sido comentado em conversa informal com a arquiteta Marta Lima Pereira, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Ela chamou nossa atenção para os espaços onde há uma espécie de interseção dos sons das barracas vizinhas, definindo uma área de grande ruído, portanto, de desconforto acústico.

O dimensionamento das barracas, altura dos toldos, espaços entre mesas, circulações etc., também se mostraram problemáticos. Contudo, consideramos que as medidas ótimas recomendadas pelos manuais de ergonomia podem comprometer as dinâmicas que se desenvolvem nos espaços da Feira.

Os problemas relativos às instalações elétricas e hidráulico-sanitárias se revelaram complexos, visto que uma representa ameaças de incêndio e choques elétricos e a outra, riscos para a saúde dos comerciantes e freqüentadores.

Verificaram-se também problemas relativos ao escapamento de gás de botijão, outra grave ameaça à integridade física dos usuários, e ao excesso de fumaça provocada pelas churrasqueiras usadas para assar carnes.

Estas questões, associadas a questões do projeto do espaço, como a conveniência ou não de setorização das várias atividades comerciais, se constituíram em desafio para os alunos, que se mostraram mais motivados na etapa inicial do exercício de projeção.

Considerações Finais

Embora os projetos dos alunos não estejam concluídos, já podemos considerar como bem sucedida a proposta de trabalho na Feira Nordestina de São Cristóvão, pois o desenvolvimento dos trabalhos se mostrou bastante produtivo.

A aproximação dos alunos com a realidade da Feira fez com que eles não só despertassem para os problemas que foram levantados por nós, mas também se sensibilizassem, percebendo outros, inicialmente não cogitados.

Mesmo sendo individual, os alunos fomentaram por iniciativa própria diversas discussões entre si, procurando caminhos para as inquietações surgidas a partir de suas vivências na Feira. Um exemplo disto é relativo à conveniência ou não de serem setorizadas as diversas atividades desenvolvidas.

Houve, além do mais, uma liberação da criatividade e capacidade propositiva dos alunos, devido ao fato de a visita a campo ter proporcionado uma convivência social entre nós, professores e alunos, implicando a redução de distâncias formais.

O fato do problema do conforto ambiental ser destacado no âmbito de uma disciplina de projeto fez com que os alunos se sentissem muito mais desafiados, por poderem pensar em soluções no processo projetual.

No entanto, cabe ressaltar que a falta de interação entre as diversas disciplinas

116 dos diferentes departamentos e a quase inexistência de disciplinas das áreas humanas na FAU/UFRJ implicaram limitações para a orientação dos alunos.

Por fim, a concepção de conforto ambiental, que integra os diversos aspectos técnicos do conforto (térmico, lumínico, acústico, ergonômico) entre si e os aspectos culturais, despertou para a importância do uso da percepção pelos alunos, incentivando-os a confrontá-la com os preceitos teóricos.

O que nos pareceu fundamental neste processo foi o fato de os alunos terem desenvolvido sua sensibilidade e terem percebido o que os usuários e freqüentadores da Feira entendem como conforto, relativizando o conforto definido por números e fórmulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Luciana da S. (1995). *Racionalização da Construção: Reflexões sobre os Aspectos Socioculturais na Produção da Habitação Social*. Rio de Janeiro: Mestrado em Arquitetura/FAU/UFRJ. (Dissertação de Mestrado).
- AZEVEDO, Giselle A.N. (1995). *As Escolas Públicas do Rio de Janeiro: Considerações sobre o Conforto Térmico das Edificações*. Rio de Janeiro: Mestrado em Arquitetura/FAU/ UFRJ. (Dissertação de Mestrado)
- BACHELARD, Gaston. (1993). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BRANDÃO, Carlos R. (1981). *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).
- DUARTE, Cristiane R. (1993). *Intervention Publique et Dynamique Sociale Dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila pinheiros, Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Paris: Universidade de Paris I - Sorbonne.
- FREIRE, Paulo. (1993). *Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem Ousa Ensinar*. São Paulo: Olho D'água.
- LYNCH, Kevin. (1981). *Good City Form*. Massachussets: MIT Press.
- MOURA, Thais & GUTIERREZ, Luis F. (1995). *Relatório sobre a Feira Nordestina de São Cristóvão*. Rio de Janeiro: FAU/ UFRJ. (Mimeo.)
- ROMERO, Marta A. B. (1995). *Arquitetura Bioclimática dos Espaços Públicos*. In: *Anais do III Encontro Nacional e I Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído*. Gramado: ANTAC.
- RYBCZYNSKI, Witold. (1993). *Casa: Pequena História de uma Idéia*. Rio de Janeiro: Record.
- SILVA & SILVA, Maria O. (1996). *Refletindo a Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez, 1986.
- VIDAL, Roseane D. M.; MARTINS, Themis L. F.; ARAÚJO, Virgínia m. T. (1995). *O Ensino Integrado de Conforto Ambiental: Relatos e Experiências*. In: *Anais do III Encontro Nacional e I Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído*. Gramado: ANTAC.